Ano III — Azaruja, Junho de 1933 — N.º 21

O MENSAGEIRO ESCOLAR

Publica-se em Azaruja

AVENÇADO

| PEDAGOGIA — INSTRUÇÃO — EDUCAÇÃO — LITERATURA — NOTICIÁRIO LOCAL — PROPAGANDA CORTICEIRA |

Alunos: Assinatura avulso $50	Receita destinada á Caixa Escolar	Chefe da Redacção Prof. Joana Apelino Gomes	DIRECTOR Prof. João Vicente de Oliveira Charrua	EDITOR Prof. ap.ado Felix de Carvalho Marquez	Comp. e Imp. Empresa Publicidade MARCO DE CANAVEZES	ASSINATURA Anual 10$00 N.º avulso 1$00

E'cos do Congresso da Imprensa Alentejana

Em Lisboa, nas suntuosas salas do «Grémio Alentejano», realizou-se em Maio, uma interessante parada jornalística, cujo relato foi feito na devida oportunidade, pelos jornais daquela linda cidade. A-pesar-de tempo que já decorreu após essa eloqüente reunião de jornalistas alentejanos, não nos dispensamos de arquivar nas nossas colunas algumas notas de reportagem.

Todas as sessões—desde a sessão inauguravel até à sessão de encerramento—decorreram sempre num ambiente de extraordinária correcção e elevação intelectual, deixando uma viva saüdade em cada um dos congressistas.

E bastava a circunstância das relações que se tomaram e das amizades que se estabeleceram, para que o Congresso tivesse uma utilidade definida e um fim bastante importante.

Dentro das nossas almas — almas de alentejanos ou alentejanistas—ficará sempre vibrando o eco dessa importante reünião, onde se discutiram assuntos de grande importância, quer sob o ponto de vista regional, quer sob o ponto de vista nacional.

Os trabalhos apresentados, marcaram tanto em número como em quantidade, revelando todos êles, altas quantidades de estudo, de observação, e de inteligência.

A instrução, a beneficência, as comunicações, o policiamento, a higiene, o problema cerealífero, a situação do operariado rural, associações de jornalistas, os mármores, etc., tudo ali foi tratado com muito interêsse, com muita dedicação.

O Congresso da Imprensa Alentejana, podemos afirmá-lo sem receio de contestação séria, teve fins elevantados e patrióticos, e foi um dos acontecimentos mais importantes do ano civil.

* * *

INSTRUÇÃO

Um dos problemas mais debatidos, foi sem dúvida o da Instrução, porque em seu tôrno gravitam muitos outros, que só se solicionam quando o primeiro se solucionar.

Muitos foram os oradores, que mostraram o seu grande interêsse por êste problema nacional, focando-o nos seus variados aspectos e apresentando curiosos alvitres.

Foi neste sector do Congresso que a nossa acção mais se fez sentir, quer tomando parte em todas as discussões, quer apresentando uma tese que focasse com todos os pormenores o problema.

Depois da leitura da nossa tese, cuja aprovação foi feita por aclamação, o senhor Dr. Bento Caeiro, caracter de fino quilate e temperamento de poeta, apresentou uma moção que muito nos sensibilizou. O documento distingue-o e torna-o credor da admiração e da amizade de todo o professorado primário.

Em nome do professorado primário português, embora não tivesse a credencial da classe, tivemos ocasião de agradecer por mais duma vez, tantas manifestações de carinho dispensadas por todos os congressistas.

Todos os favores com que especialmente nos quizeram brindar—e tantos êles foram—canalizámo-los para a classe a que temos a honra de pertencer.

Há muito tempo que não há reünião pública, onde uma classe fôsse tão vitoriada, como foi o professorado primário no Congresso alentejano.

Bastava só êsse facto, para ter dado ao Congresso uma situação de relêvo.

MOÇÃO

«O II Congresso da Imprensa Alentejana, reconhecendo que a missão do professor primário é tão elevada e tão nobre, já pelos sacrificios já pelo objectivo moral, social e patriotico da sua actividade, emite o voto de que o professor primário seja considerado o primeiro cidadão do país e como tal seja acarinhado na sua dupla função de professor de e educador, solicitando-se para êle a especial atenção dos governos e continua na ordem do dia.

Lisboa e sala das sessões do II Congresso da Imprensa Alentejana, 20 de Maio de 1933».

Outra proposta, visando os mesmos fins altruístas, foi também apresentada pelo sr. Dr. Bento Caeiro.

Ei-la:

1.º—Que seja aberta em todos os jornais que aderiram ao Congresso uma subscrição permanente para a construção de escolas alentejanas;

2.º—Que seja instituido o dia da Escola Alentejana, em que em todas as terras da provincia se acolherão donativos para a fundação de escolas no Alentejo.

3.º—Que para o efeito da execução desta proposta esses donativos sejam entregues ao Conselho Regional do Grémio Alentejano.

«O Mensageiro Escoiar», abre também a subscrição nas suas colunas, para a **Escola Alentejana.** Todas as importâncias serão recebidas com o mesmo agrado, pois o conjunto de pequenas importâncias. pode fazer uma importância grande.

Subscrição para a **Escola Alentejana:**

«O Mensageira Escolar» 30$00

* * *

A NOSSA TESE

Levámos ao Congresso uma tese sôbre instrução e beneficência infantil, que, por amável deferência de todos os congressistas, mereceu uma atenção muito lisongeira.

Ficámos tão sensibilizados, que muitas teriam de ser as nossas palavras para exteriorizar os nossos agradecimentos.

E' que terminada a leitura do modesto trabalho, recebemos tais manifestações de aplauso e simpatia que não se sintetizam facilmente em meia dúzia de palavras.

Por proposta do senhor engenheiro José Custódio Nunes, digno presidente do «Grémio Alentejano», e depois de várias considerações destacando o trabalho, feitas pelo senhor presidente da sessão, sr. major Mendes do Amaral, distinto director do Banco de Angola, foi aprovado por aclamação, que se fizesse a sua publicação a expensas do «Grémio Alentejano».

Estamos por conseguinte muito gratos a S. Ex.as estendendo também a nossa gratidão, aos senhores Dr. Serrão Marreiros, António Mantas, Dr. Amado de Aguilar, Dr. Filipe Namorado, Dr. Damas Mora, Vitor Santos, Pedro Muralha, Dr. Marques Crespo, D. Aurea Pais Falcão, Dr. Bento Caeiro, Manuel Joaquim Louro, prof. Manuel Subtil, Ventura Abrantes, António Magno, Dr. Fernando dos Santos Agudo.

Conclusões da tese: **Ensino Primário, Caixas Escolares, Beneficência infantil, Jornais escolares:**

Deve o II Congresso da Impressa Alentejana emitir junto dos poderes públicos

Assinar êste jornal é auxiliar a propaganda da educação e da beneficência

os seguintes votos, envidando todos os esforços para a sua realização:

1.º Que o Alentejo seja convenientemente dotado de boas escolas.

2.º Que seja estudada a conveniência da criação de monitores.

3.º Que a situação económica do professorado primário seja estabelecida de harmonia com a sua espinhosa e nobre função.

4.º Que as Câmaras e as Juntas auxiliem as Caixas Escolares.

5.º Que a correspondência das Caixas Escolares, e a correspondência entre os alunos, sejam isentas de franquia.

6.º Que os jornais escolares gozem do mesmo benefício.

7.º Que os anúncios publicados nos referidos jornais sejam isentos de qualquer contribuição.

* * *

NOTAS VÁRIAS

Os senhores Manuel Joaquim Louro e António Magno, tiveram a gentileza de pôr os seus carros à disposição da Comissão, que procedeu a várias diligências em nome do Congresso.

*

No Sindicato da Imprensa Portuguêsa e na Casa dos jornalistas de Lisboa, foi essa comissão recebida com a mais gentil das deferências, havendo Pôrto de Honra, gelados, bôlos, etc.

*

No penúltimo dia do Congresso, realizou-se no Grémio um belo almôço de confraternização, a que assistiram quási todos os congressistas.

Após o almôço, foi tirada no páteo Árabe, uma fotografia à assistência.

A' noite, nas salas do Grémio, realizou-se um importante baile em honra dos congressistas.

*

O Congresso da Imprensa Alentejana, teve pois uma dupla utilidade: ventilar problemas de capital interêsse para a província, e pôr em contacto pessoas, que conhecendo-se apenas de nome, eram todas acérrimas da mesma Causa.

*

Um dos factos que causou funda impressão em todos os congressistas, foi a visita ao Instituto de Educação proficional, no Largo Dr. Trindade Coelho.

Não se descreve facilmente a alta função educativa dêste explêndido estabelecimento, todo êle apetrechado de magníficos e curiosíssimos aparêlhos.

O visitante vai subindo de surpreza em surpreza, ao percorrer as salas onde os educandos têm de prestar provas, e preparar-se eficazmente para a vida prática.

A escôlha da profissão exige muito cuidado, sendo quási um crime realizá-la ao acaso.

O Instituto de Educação Nacional, honra o corpo docente, e honra o nosso país.

BORBA

Por dificuldade na obtenção de algumas zincogravuras que hão-de ilustrar a página que êste jornal vai dedicar a Borba, só em Julho, será feita a publicação da referida página.

JOÃO V. DE OLIVEIRA CHARRUA

MUNICIPALISMO

A Paróquia como factor do progresso nacional

Na divisão administrativa do nosso país, a organização que mais se destaca, e mais intimamente se liga às tradições da raça, é sem dúvida o município.

O município remonta às origens da nacionalidade—que o herdou da vélha colonização romana—e acompanhou a par e passo o desenvolvimento da jovem nação lusa. Serviu de amparo a reis e forneceu valiosos elementos tanto para a expansão interna como para a expansão externa do país.

E' por tanto uma tradição que serviu de berço e serviu de amparo à formação da raça portuguêsa. E' uma preciosa relíquia em que assenta tôda a nossa organização administrativa, e que marca ainda hoje, marcará talvez sempre a base mais sólida e mais inteligente da nossa divisão administrativa. Em honra do municipalismo têm sido traçadas por escritores consagrados, quer nacionais, quer estrangeiros, as mais elogiosas referências. Não necessita portanto essa explêndida realização, que outras penas, mórmente da modéstia da nossa lhe tracem o penegirismo. Tanto mais que a sua vida não está em jôgo—longe de periclitar, ganha adeptos e mantém sólidas as suas fundas e históricas raízes.

Os nossos propósitos também não eram êsses. Servimo-nos do municipalismo como duma espécie de ponte que nos desse passagem a outra organização administrativa, de moldes mais reduzidos, mas de enormíssima utilidade.

Referimo-nos à freguesia. A freguesia representa o grande princípio comunal—é a pedra em que há-de assentar o alicerce da sociedade futura. E quanto mais se destacar a organização social do país, tanto mais forte será a vida administrativa da freguesia, tanto mais vastas serão as suas funções.

O distrito e a província são divisões quási abstractas, convencionais, que pouco representam na psicologia do povo, são divisões quási sem respeito pela etnografia. A freguesia sim, é conhecida, é popular, é dinâmica. O homem rural desconhecerá a existência da Junta Geral do distrito, desconhecerá os limites do seu distrito, não saberá bem em que província vive, mas conhece seguramente a sua freguesia e tem por ela um certo interêsse, um certo amor.

Gostaria de ver nela um bom lavadoiro público, uma fonte com muita água, uma escola às alturas e estradas sem barrancos. O progresso do país, não é audácia afirmá-lo, está intimamente ligado ao progresso da freguesia, é por conseguinte contrário às ideas centralizadoras. A centralização absorve, dificulta emperra. Sabemos por experiência que não é possível descentralizar dum facto todos os ramos da vida orgânica da nação. Principalmente o ramo da Instrução pública. E' conveniente frisar esta observação, não vá alguém supor que nadamos em utopias ou que advogamos bisantinismos.

Depois dêste esclarecimento podemos prosseguir no panegirismo das freguesias; realizamos êste trabalho sem esfôrço e com o convencimento de que estamos dentro duma cousa justa. Se os municípios serviram de amparo à formação da nacionalidade, as freguesias podem ser o melhor factor para o progresso do país; elas ajustam-se com precisão ao espírito da moderna ciência sociológica. E que formidável papel não lhes está destinado numa ampla e completa descentralização administrativa; «Só numa paróquia há verdadeiros interêsses comuns; só ali os vizinhos se interessam pelos assuntos públicos—comunais.» Também lemos algures estas palavras escritas com desassombro: A centralização administrativa obliterando a fôrça e a tradição paroquial, anarquizou a sociedade portuguêsa criou oligarquias, atrofiou as energias individuais, desenvolveu a empregomania, empobreceu o país aniquilou o ensino prático, originou a oclocracia, e tornou inapto o povo para o trabalho, entregue ao messianismo e à onipotência protectora do Estado. Daí a actual crise, que criou oligarquias ruinosas.

As Ilhas Britânicas encontraram nas paróquias o segrêdo do seu engrandecimento.

E' em tôrno dessas pequenas comunas, que gravita a vida oficial da equilibrada Albion. E Portugal, se quiser caminhar, se quiser deixar o marasmo que lhe atrofia as faculdades tem de seguir a directriz idêntica.

A Inglaterra é um país essencialmente prático, onde os problemas públicos são postos com clareza e sem embaraços burocráticos. A sua organização social é magnífica, podendo servir de exemplo, a pesar do povo ser extraordináriamente individualista — individualista por educação e por condições étnicas. A paróquia constitui uma poderosa organização que se administra quási autonomamente.

O chefe (Clerk), o tesoureiro, e o director da casa pública (onde se recolhem os indivíduos sem trabalho e os menores abandonados) são eleitos entre os contribuintes.

O professor, e a professora e o médico, são escolhidos também pela paróquia.

Estes factos são um testemunho eloqüente de quão elevada é a descentralização dos serviços públicos em Inglaterra. Merecia apenas levar um pouco mais longe esta tese levá-la para além dos acanhados limites dum artigo de jornal.

Entretanto, estas simples palavras mostram a nossa concordância com uma completa remodelação administrativa que dê vida e prosperidade às freguesias. As freguesias devem cuidar da recolha dos impostos, da viação, da assistência da iluminação, do ensino público, ficando tudo subordinado, é claro, à fiscalização de entidades superiores. Operando-se desta forma era provável notar-se um progresso rápido na vida do país. E o país—terra sagrada—merece bem que todos lhe dediquem acrisolado amor. E' que o caminho do progresso há-de ser aberto com o esfôrço de todos—sem lutas fratricidas e sem ódios.

AGRADECIMENTO

A's pessoas que me escreveram ou telegrafaram, nomeadamente os senhores professores de Portalegre, a propósito do resultado obtido pela minha tese sôbre **Instrução, Beneficência e infantil e jornais escolares,** no Congresso da Imprensa Alentejana, apresento muito sensibilizado pelas deferências com que me distinguiram, os meus sentidos agradecimentos.

Azaruja, Junho de 1933

J. V. DE OLIVEIRA CHARRUA

O ANIVERSÁRIO DO NOSSO JORNAL

Muitos têm sido os órgão da imprensa que têm feito referência ao aniversário do nosso jornal e ao número especial que o comemorou.

Bastante sansibilizados, aqui deixamos a nossa gratidão a todos que nos distinguiram com palavras amáveis.

Não podemos entretanto deixar de destacar nos nossos agradecimentos, os «Brados do Alentejo», de Estremoz, e «O Pequenino», da Barquinha, que levaram as suas saüdações a um requinte de amabilidade.

Ao senhor Dr. Marques Crespo e ao senhor professor José de Oliveira Rebordão, daqui lhe enviamos um grande abraço.

CARNEIRO DE MOURA

RIQUEZA NACIONAL

Não queremos dizer que a riqueza pública em Portugal só há-de provir da população educada para a produção agrícola intensa. Não.

Com base na indústria agrícola há de criar-se um comércio opulento com as colónias, que hão-de ser o nosso principal centro de consumo, sem virem as colónias a ser vítimas de uma exploração atrofiadora da metrópole. Pelo contrário: os produtos coloniais serão protegidos no consumo da metrópole de modo a virem a ser nesta, matérias primas de florescentes indústrias, como o algodão, a borracha, as madeiras, etc. Mas ha-de o professor primário preparar a população para o trabalho, pela formação do carácter, conduzido pelo método, e pelo conhecimento das cousas. O nosso agricultor português ainda hoje se restringe em tirar da terra só o que ela mais espontâneamente produz. As águas não são aproveitadas convenientemente, as estagnadas impaludem as regiões, e as torrenciais arrazam os campos; a hidraulica agrícola poderá indicar novas fontes de riquezas para motores e para vastas áreas irrigadas. A hulha branca pode e deve dar tanta riqueza como a hulha que sai das entranhas da terra, como que em caudais de ouro. Os poços artesianos também hão-de aumentar a produção agrícola, e bem pouco está feito para arrancar da terra o que a terra pode dar beneficiada pela água. Os trabalhos da regularização das correntes, pelos açudes, albufeiras e minas, não merecem o abandono a que têm sido votados pela ignorância pública.

Quando a escola primária encaminhar as aptidões agrícolas do povo português, benignidade do nosso clima—cuja temperatura não excede 35° nem baixa a mais de 4° negativos nas regiões extra-litorais, num país onde não há geadas nem neve, com uma grande zona própria para culturas delicadas, onde a salubridade, a-pesar-do desleixo das construções rurais e dos pequenos pantanos descurados, é notável—fará da terra portuguêsa um dos mais ricos centros de produção agrícola da Europa. Porque, graças aos dados da química agrícola, não há terras pobres; com água sol, e adubos todos os terrenos são ricos. E' necessário dar à terra o que a terra dá à planta, e a água e os adubos, que não faltam se o productor agrícola for trabalhador e instruído, triplicarão dentro em pouco tempo a produção agrícola nacional.

Engenheiro José Custódio Nunes

Um grupo de amigos do senhor engenheiro José Custódio Nunes, presidente do Grémio Alentejano e da Hidro-Electrica do Alto Alentejo, organizou recentemente um importante banquete de homenagem, onde foram postos em evidência, as altas qualidades de caracter e de inteligência, do distinto homenageado.

Motivos de fôrça maior, impediram-nos de tomarmos parte nessa justa manifestação de apréço.

Entretanto, não deixámos de escrever ao ilustre homenageado, manifestando-lhe a nossa admiração. «O Mensageiro Escolar», também se fez representar, delegando no senhor Joaquim Manuel de Oliveira Charrua, estudante de direito e do curso superior de letras.

Festas da Cidade

E'vora, a linda cidade Sertoriana, e senhora de tantos outros titulos heráldicos, organizou recentemente as suas festas. E tão concorridas, e sugestivas e bem organizadas e pacatas elas foram, que E'vora, a cidade vèlhinha nos anos mas moça na vitalidade, pode sentir justa ufania.

Nem uma desordem, nem uma voz alta, nem um desacato!

E'vora, a cidade que tem o seu ponto de vista histórico bem definido e bem sentido, a cidade liberal por excelência, mostrou que sabe receber com fidalguia.

Visitada pelo mais alto representante da República, a capital do Sul, esteve em festa durante três dias, e desmentiu categoricamente todas as atoardas que propositadamente foram lançadas ao vento, com o fim de a ennegrecer...

A inauguração das águas e do Matadouro, são obras de grande vulto, que despertaram muito interêsse.

A inauguração do monumento aos mortos da guerra, foi um acto piedoso, simples, impressionante, que manifestou a saüdade dos vivos pelos que morreram em nome da Pátria.

Todas as pessoas, ou pelo menos quási todas as pessoas, se sentem satisfeitas com a forma ordeira, cheia de civismo, como tudo correu.

Os elementos oficiais, tais como a Câmara Municipal e o Govêrno Civil, desenvolveram os necessários esforços para o bom êxito das festas da cidade, onde não faltou a nota artística, espiritual, dada pelo **Grupo Pró E'vora,** com a exposição de pintura organizada no Liceu de André Gouveia.

BIBLIOTECA DA "CAIXA ESCOLAR"

A Biblioteca da «Caixa Escolar», recentemente inaugurada, conta já algumas dezenas de livros.

A direcção da «Caixa», renova o seu pedido junto dos senhores associados, para fazerem oferta de livros à biblioteca.

Tiveram já a gentileza de oferecer livros, os senhores: Félix de Carvalho Marquez, André Morra, e J. V. de O. C.

A direcção do Grémio Alentejano, que se interessa por todos os empreendimentos úteis à província, também já nos ofereceu alguns livros de autores alentejanos.

Os sócios da «Caixa Escolar», podem começar imediatamente a utilizar a sua biblioteca, requisitando até dois livros, e não três, como erradamente saiu no Regulamento.

Agencia Magno

— DE —

A. C. Magno & C.ª (Filho)

Sucessor A. MAGNO—Lisboa

1.ª Sucursal — Calçada Marquez d'Abrantes 113 a 117 Telefone 2 5968

2.ª Sucursal—Rua José Antonio Serrano 26 a 28 Telefone 2 8236

3.ª Sucursal A. Miguel Bombarda 82 Telefone N. 4743

Escritorio central Rua de Santa Marta 192

TANSPORTES, ARTIGOS FUNEBRES

Séde — 172 — RUA DE SANTA MARTHA — 174

(Toda a correspondência deve ser dirigida ao n.º 192)

Agentes em todo o paiz — Telefone Norte 489

Possuindo um modelar serviço de auto carros funebres, encarrega-se de funerais e trasladações para todos os pontos do paiz.

Modicidade de preços.

Serviços por tabelas e orçamentos.

O cancro não é hereditário

O cancro por si não é hereditário, a-pesar-do que se tem dito e escrito sôbre experiências com certas espécies de ratinhos brancos. As experiências mostram que a predisposição para o cancro podia ser aumentada, criando famílias seleccionadas entre aquelas em que o cancro mais freqüentemente aparece.

Um aumento pode ser obtido só em algumas estirpes de ratinhos e ratos brancos, e não foi observado nas cobaias, coelhos, cães e outros animais, que são sugeitos ao cancro. Nem ainda está provado que a causa desses cancros seja a mesma nos homens e nos animais. As condições de criação das estirpes de animais acima mencionados são tão diferentes daquelas que se dão na espécie humana, que nenhuma equiparação é possivel. Entre os animais de experiência, todos os ascendentes tiveram cancro ou eram descendentes dum canceroso, e isto é manifestamente impossivel na espécie humana.

Ao fim de algumas gerações, é pouco mais ou menos igual a percentagem de cancerosos nos descendentes dos predispostos e dos normais. Não há razão para sustos; porque um membro da família teve esta doença, não se segue que outro membro da mesma família a venha a ter. Tem-se provado, de facto, que, de acôrdo com «cálculos de probabilidade», se um certo número de casos de cancro deve aparecer num agrupamento, uma família terá naturalmente dois ou três casos, emquanto outras, não terão nenhum, e isto é ùnicamente devido a coïncidências. Nas famílias em que os membros vivem até muito tarde, há mais casos de cancro do que naquelas em que os membros morrem cêdo.

Isto não é por o cancro ser hereditário, mas porque é uma doença especial dos adultos e dos velhos.

Mesmo aqueles que estudam a hereditariedade e que têm vastos conhecimentos nêste assunto não acreditam que o cancro seja hereditário, mas apenas que possa existir uma predisposição para êle. Embora todos devam conhecer os sintomas do cancro, é de aconselhar àqueles que têm tido muitos casos na família um cuidado especial em instruir-se convenientemente sôbre esta doença, seu diagnóstico e tratamento.

E' muito tranquilizador lembrarmo nos de que a maior parte das Companhias de Seguros de Vida, não fazem caso da história de «cancro nas famílias» para determinarem se a pessoa e ou não um bom segurado.

Realmente, estudos excepcionalmente cuidadosos dos registos dos seguros de vida mostram que não há razões para apreensões, mesmo quando os pais tenham morrido ambos de cancro.

(Vulgarização do Instituto Português para o estudo do cancro).

Quem anunciar no «Mensageiro Escolar», torna conhecido os seus produtos e auxilia uma obra de beneficência.

Página do

Amor da Pátria

Há sempre nobreza em todos os sentimentos que estreitam a união dos homens e os impulsam à pratica da virtude: tal é a natureza do sentimento instintivo que nos leva a amar o país em que nascemos.

O amor da Pátria, calando bem fundo na alma, leva-nos a renunciar ao sentimento que mais lisongeia e menos ennobrece o coração humano—o egoísmo. E' ao seu influxo sublime que o homem fitando os olhos na mãi comum, dá ao mundo assombrosos prodigios de heróica abnegação.

Devemos amar a Pátria e promover os seus interêsses sem prejuizo nem detrimento dos interêsses da humanidade. Exaltaremos o país em que vimos pela primeira vez a luz do Sol, mas não degradaremos nunca o mérito dos outros raios.

Dizia Fenelon, que foi um virtuoso cidadão: «—Amo mais a familia do que a mim; amo mais a Pátria do que a familia, mas amo mais o género humano do que a Pátria.

Simões Dias

Exercício de Redacção

AS OVELHAS

As ovelhas são animais vertebrados, e mamíferos. São vertebrados porque têm ossos, e mamíferos porque se alimentam de leite. O corpo delas está coberto de lã, donde se fazem fazendas.

Na primavera é que se tosquiam êstes animais. A lã é lavada, tecida, e em estando preparada vai para as fábricas onde as transformam em fazendas. Da pele dela pode-se fazer safões, calçado, etc.

A sua carne é muito boa. Também nos dá o leite que serve para a fabricação de queijo e manteiga.

Azaruja, Junho de 1933

José Vareta Pastor
Aluno da 4.ª classe

O BOI

O boi é um animal doméstico porque vive na companhia dos homens, vertebrado porque tem esqueleto interno. E' um animal herbívoro porque se alimenta de hervas. A pele do boi depois de preparada tem o nome de coiro e dêlé fazem-se os sapatos as botas etc. A carne do boi é muito saborosa, sendo muito usada na nossa alimentação. Dos ossos e dos chifres fazem-se botões.

Francisca R. P Girbal
Aluna da 4.ª classe

Aniversários de alunos durante o mês

Dia 2—Antónia Cunha Ferrão.
Dia 2—Maria Francisca Pereira.
Dia 5—Rita Rosa Girbal.
Dia 8—Ana Rosa Pinto.
Dia 10—José Borrego.
Dia 15—Francisca M. Santinho.
Dia 16—Alexandre Ferrão.
Dia 20—Albertina C. Varela.
Dia 20—João Ricardo.
Dia 22—Mercedes Lamas J. Camps, e Adriano Tique.
Dia 25—Narcisa E. Modas.
Dia 27—Joaquim Pereira.
Dia 30—António Fernandes.

As oliveiras

A oliveira é uma árvore de fruto que abunda no nosso país em grande quantidade.

E' uma árvore muito útil porque é dos seus frutos, «a azeitona» que se fabrica o azeite com o qual se temperam as comidas.

Abunda principalmente no Alemejo. A azeitona primeiro que se transforme em azeite sofre vários trabalhos, primeiro é apanhada ou varejada, em seguida passa para os moinhos onde é esmagada. Dos moinhos passa para as alcofas metendo em seguida as alcofas dentro das prensas onde são apertadas saindo depois o azeite puro.

Azaruja Junho de 1933

Antónia Silveira Ferrão
Aluna da 3.ª classe

Exercício de Redacção

Os balões

Os balões são feitos de papel de várias côres; há balões de muitos feitios.

Nas barracas das feiras, vendem-se uns balões de tripa, cheios dum gaz mais leve, sobem muito alto. Para êles não fugirem têm de se prender com um fio.

Os balões de papel servem para os arraiais e festas de São João, Santo António, S. Pedro.

Também com uma palhinha se fazem balões de água com sabão.

Azaruja—Junho de 1933

FRANCISCA MARTINS SANTINHO

O GALO E A RAPOSA

Um galo estava empoleirado num ramo quando passou por ali uma raposa. O galo cheio de mêdo começou a cantar muito. A raposa com mêdo que o galo com aquele cantar chamasse a atenção da vizinhança disse-lhe: E' preciso que saibas que somos primos: Ao ouvir isto o galo deixou de cantar. A raposa que vinha com a intenção de o comer disse-lhe: Teu pai sabia cantar muito bem porque cantava com os olhos fechados. O galo que era muito vaidoso fechou os olhos e a raposa pôs-lhe uma pata em cima e foi levá-lo para a sua toca onde o comeu muito descansada.

Esta história quer dizer que é perigoso sermos vaidosos.

Azaruja 15 de Junho de 1933.

Francisca Rita Prates Girbal

A disciplina que mais gosto

Sou aluna da 4.ª classe da escola do sexo feminino de Azaruja. Gosto muito da minha professora, que me ensina muito bem. Como aluna da 4.ª classe tenho as seguintes disciplinas: História, Geografia, Português, Matemática Ciencias, Geometria, e Educação Civica. Estudo todos os dias as minhas lições e esforço-me por sabê-las para dar alegria à minha professora. De tôdas as lições que estudo a que mais gosto é da História. Gosto da História por ser uma disciplina que nos mostra a coragem e o valor dos heróis portugueses, mostra-nos ainda o que foi o nosso Portugal a par de tôdas as nações do mundo, dá-nos a conhecer os homens célebres nas letras, artes etc.

Maria Vitória S. Fernandes
Aluna da 4.ª classe

Estudante

Azaruja

Azaruja é uma vila industrial, e comercial. E' uma terra muito asseada. Tem uma linda escola, e caixa escolar, uma grande Sociedade de Recreio. A indústria principal é a cortiça, onde se empregam muitos braços. Tem por aqui várias paisagens muito interessantes, como se vêem a Azarujinha, a quinta do sr Dr. Álvaro de Souza Rêgo etc. Em edifícios particulares tem também progredido muito.

Francisca Rita Prates Girbal
Aluna da 4.ª classe

Exercício de Redacção

Os cãis

Os cãis são muito úteis aos homens, guardam as casas e as quintas, e os rebanhos de ovelhas etc. Há cãis que salvam muitas pessoas e crianças de morrerem nos lagos, nos rios etc. Os cãis também servem para irem á caça.

Azaruja Junho de 1933.

António Emilio Martins Santinho
Aluno da 3.ª classe

A loiça

Há muitas qualidades de loiça como a de barro, a de esmalte, a de pó de pedra etc. A loiça de barro, é fabricada no Redondo e na aldeia do Mato. Da loiça de barro fazem-se os pratos, os alguidares, as chávenas, as tigelas, os púcaros, as panelas etc.

A loiça de barro é a mais barata de tôdas.

Azaruja, Junho de 1933.

João Cutileiro Ricardo

Êste número foi visado pela Comissão de Censura de E'VORA

As meninas no recreio

O recreio é a alegria das crianças. A' hora do recreio interrompem-se os trabalhos escolares e vai-se para o pateo.

Os meninos brincam a vários jogos tais como: O jôgo do pião, da barra, do eixo etc. As meninas jogam à pedrinha, cantam, dançam, ou fazem rodas.

Quando chega a hora da entrada cada aluna toma o seu lugar e continua os seus trabalhos.

Azaruja 13 de Junho de 1933.

Maria Vitória S. Fernandes
Aluna da 4.ª classe

O azeite

O azeite tem muita utilidade. O azeite vem da azeitona que é dada por uma árvore que tem o nome de oliveira. O azeite serve para se temperar a comida. Antigamente não havia candeeiros de petróleo, nem electricidade, iluminavam-se apenas com candeeiros de azeite. As ruas das cidades estavam às escuras, e por isso os ladrões valendo-se da escuridão matavam e roubavam muitas pessoas.

Portugal produz muito azeite.

Azaruja junho 1933

Maria Vitória S. Fernandes

Os cãis

Os cãis são animais domésticos porque vivem na nossa companhia. Há cãis de muitas côres, brancos, prêtos, amarelos malhados etc; também são de muitas raças: tais como os cãis da Serra de Aire, os cãis da Serra da Estrêla, os de S. Bernardo, etc. Os cãis são muito fiéis e amigos dos seus donos.

Azaruja, Junho de 1933

Inocêncio José Modas
Aluno da 4.ª classe

Exercício de Redacção

As abelhas

As abelhas são muito úteis aos homens porque fazem o mel que é muito dôce. As abelhas andam de flor em flor a chupar o pólem com o qual fazem o mel. As abelhas fazem o mel dentro de cortiços ou dentro de colmeias móveis. O mel é muito bom.

Azaruja Junho de 1933

Ezequiel Fortes Correia
Aluno da 5.ª classe

O CAMELO

O camelo é um animal vertebrado porque possue esqueleto interno. O camelo vive nos grandes desertos da A'sia, de Saorá.

Dão cavalaria e servem para transportar mercadorias no deserto. O dromedário é uma espécie de camelo que tem uma só bossa. Chamam-se a êstes animais os navios do deserto. Estes animais são muito úteis aos africanos e aos asiáticos.

Azaruja, Junho de 1933.

Inocêncio José Modas
Aluno da 4.ª classe

O BICHO DA SÊDA

O bicho da sêda deita uma baba donde sai a sêda, o bicho da sêda até que faça o o casulo muda quatro vezes a pele depois começa a fazer-se amarelo e faz o casulo, pega a baba aos ramos de amoreira e faz o casulo. Os bichos da sêda alimentam-se só de fôlhas de amoreiras. Há duas espécies de sêda ha a sêda animal e a sêda vegetal. Os bichos da sêda reproduzem-se por meio de ovos. Os casulos que nós queremos aproveitar para ovos, deixamo-os á sombra, depois sai uma borboleta, a qual põe ovos para no ano seguinte termos bichos da sêda. Também há bichos de várias espécies.

Libânio Nuno Rato
Aluno da 4.ª classe

RAMACIARACA

Defendamos a saúde

«O estômago é um saco, da forma de uma pêra e da capacidade aproximada de um litro, ou mais, em alguns casos. O alimento passa da garganta para o estômago, do lado esquerdo exactamente abaixo do coração. Deixa depois o estômago pela parte inferior, direita e entra no intestino delgado, por meio dama espécie particular de válvula, que é construída cuidadosamente, de modo a permitir com facilidade a passagem da matéria proveniente do estômago e a impedir que qualquer coisa retroceda pelo intestino, para o estômago.

Esta válvula é conhecida pela designação de Válvula Pilórica ou Orifício Pilórico, sendo a palavra Pilórico derivada do grego—guarda-portão. Realmente, esta pequena válvula procede como uma sentinela muito inteligente vigilante, nunca adormecida.

O estômago é um grande laboratório químico, no qual o alimento sofre transformações químicas, que o tornam capaz de ser transformado em material nutritivo, adaptado ao sistema, convertendo-o em sangue rico e vermelho que circula por todo o corpo, construindo, reparando, fortificando e aumentando tôdas as partes e órgãos.

O lado interno do estômago é formado por uma membrana mucosa, delicada, cheia de glândulas minúsculas que se abrem no estômago, em tôrno do qual há uma rêde muito delicada de vasos sanguíneos minúsculos, de paredes tenuíssimas e, por meio delas, é elaborado e segregado o líquido maravilhoso que se chama suco gástrico. O suco gástrico é um líquido portentoso que agindo como dissolvente nas partes azotadas do alimento, opera também sôbre o açúcar ou glicóse, obtido, por meio da saliva, do amido contido no alimento, como já dissemos. E' uma espécie de líquido amargo contendo um produto pepsina, como agente activo, e desempenha um papel importantíssimo na digestão do alimento.

Numa pessoa normal e são, o estômago prepara e segrega, aproximadamente, 4 litros e meio de suco gástrico, tôdas as 24 horas, tempo igual ao empregado na digestão do alimento. Quando o alimento chega ao estômago, as pequenas glândulas supracitadas derramam uma provisão suficiente de suco gástrico, o qual se mistura com a massa do alimento no estômago. Então o estômago principia uma espécie de movimento agitador, que faz mover o bôlo alimentar em todos os sentidos, de um extremo ao outro torcendo-o e retorcendo-o e amassando-o, até o suco gástrico penetrar em tôdas as partes da massa e ficar bem misturado com êle. O pensamento instintivo executa um trabalho maravilhoso nos movimentos do estômago e funciona como uma máquina bem untada. Se se procurou para o estômago um alimento bem preparado, muito mastigado e devidamente salivado, a máquina produz um bom trabalho.

Mas se, como tantas vezes sucede, o alimento é de qualidade imprópria para o estômago, ou se é apenas meio mastigado e engulido, ou se o estômago está abarrotado por um propriétario glutão, produzir-se-á uma desordem.

Nêste caso, em vez de afectuar um processo normal de digestão, o estômago torna-se incapaz de executar o seu trabalho, produz-se uma fermentação e o estômago é convertido num depósito de massa putrefacta e em decomposição—numa panela de fermento, pode chamar-se-lhe assim, pròpriamente, em tais circunstâncias.»

Grémio Alentejano

Alentejanos e alentejanistas: Inscrevei-vos no **GRÉMIO ALENTEJANO.**

Êste jornal dá todas as informações necessárias.

METODOS MATERNAIS AO SERVIÇO DA ESCOLA PRIMARIA

II

Não é ociosa, nem gratuita, a afirmação de que traz vantagens a aplicação dum metodo maternal á primeira classe da escola primaria.

Os alunos desta classe necessitam dum ensino absolutamente intuitivo e luminoso, porque são muito escassos os conhecimentos que aprenderam com a familia. Habituados a um viver rudimentar e quasi primitivo, vêm aprender na escola a falar, a andar, a estar sentados. São esquivos e medrosos, relacionando-se só depois de algumas semanas, com os bons habitos escolares.

Por conseguinte, dadas as precarias circunstâncias em que estas crianças têm vivido, precisamos usar com elas mil meticulosidades. Requerem-nas sob o ponto de vista fisico e intelectual.

A iniciação da leitura, do desenho, da escrita e dos numeros, pode ser realizados sob as normas indicadas para o ensino maternal. Não perderá o seu tempo, o professor que se sujeitar á experiencia.

Não possuem as nossas escolas, geralmente desprovidas dum rudimentar metorial didactico, apetrechos suficientes para uma boa actuação.

E' pena, porque esse facto, aliado á falta de tempo vem embaraçar muito a acção do professor.

Mas a boa vontade, o capricho, a inteligência, o estudo, a observação, todos estes factores reunidos (e á excepção da inteligencia todos se podem reunir) hão de suprir algumas dificuldades e realizar prodigios.

Com cuidado e diligência, qualidades que são apanagio de muitos professores, podem fazer-se na escola ou adquirir a expensas das caixas escolares, algumas peças indicadas nos metodos Froebuliano e Mantessorienne.

Torna-se então necessaria e proveitosa uma demorada leitura do livro de Garcin: «Education des petits enfants par le methode Mantessorienne».

M.mes Bardot e Joly, senhoras dotadas dum grande valor pedagogico, criaram tambem um metodo muito interessante e de grande acção educativa sensorial, chamado «Apprentissage de la lecture». Este metodo, posto que destinado às escolas maternais, é tambem util nas escolas primarias.

Já que falámos no metodo de M.me Mantessori, vem a propósito dizer que não concordamos completamente com a disposição das suas regras para o ensino da numeração.

Este material, apesar de simples e util, tem um ligeiro «senão». A idea das unidades é apresentada ao aluno por meio de duas côres que alternam numa regua de metro. Preferimos que a noção dos numeros das unidades e das dezenas, seja dada por meio de objectos distintos, que a criança possa manejar.

O assunto, muito interessante e necessario, exige larga exposição, mas, por falta de tempo e de competencia, foi tratado em notas rápidas.

UMA SAÜDAÇÃO

(alunos alemãis)

O senhor Dr. José Barreto do Atalayão, nosso amável colaborador, acaba de nos escrever da Alemanha, onde mais uma vez teve acasião de fazer propaganda do nosso jornal.

«O Mensageiro Escolar» produziu muito boa impressão; foram-nos enviadas logo saüdações, em nome do curso, pelas alunas Lisbell e Luise.

Muito sensibilizados, cumprimentamos as duas meninas alemãs, e agradecemos ao senhor Dr. Atalayão, todos os favores que nos tem dispensado.

António Cardoso

A António Cardoso (E'vora) que está de luto pelo falecimento quási repentino de seu filho mais velho, interessante criança de 6 anos, enviamos, profundamente consternados, um grande abraço de condolências.

A HISTÓRIA DUMA CRIANÇA

Numa linda tarde de Junho, quási na hora dolente do pôr do sol, acompanhada de Tejo, o meu cão predileto, saí da minha aldeia e dirigi me um pouco ao acaso, para os lados do poente. Cheguei à margem duma pequenina ribeira, sombreada de choupos onde trinava o rouxinol

O sítio era aprazível e as sombras extraordinàriamente sugestivas convidavam a descansar. Cedendo a êsse convite sentei-me. A água rolava num fiozinho lento de cristal. Na corrente, deixei cair nostalgicamente, pétalas de flores simples, silvestres, que se afastavam ao longe.

Assim permaneci muitotempo O Tejo a meu lado lambia-me de quando em quando as mãos, docilmente.

De repente o Tejo levantou-se e ladrou.

Olhei e vi um rapazinho que ao ladrar do cão, parou assustado Parecia ter 10 a 11 anos. Magro, as suas faces pálidas, os olhos cercados dum rôxo escuro diziam com nitidez o sofrimento daquela criança. Segurei o cão e chamei o garotito. Senti profundo o interesse por aquele pedacinho de gente que só devia conhecer infortúnios.

A criança aproximou-se. Fi-lo sentar ao pé de mim, e comecei a interrogá-lo. Pedi-lhe que me contasse a sua vida, pois de-certo me devia interessar, me devia apiedar.

Disse ter 10 anos e chamar-se Eduardo. Sua mãi tinha morrido quando êle nascera. Seu pai morrera havia dois anos. Como não tivesse mais família, foi recolhida por uns vagabundos que o faziam pedir esmola, e quando não levava o pão suficiente para a ceia, espancavam no e não lhe davam de comer.

E ao contar-me a sua história a criança chorava, e eu não pude também conter as lágrimas.

Logo que terminou a sua narrativa, levantou-se porque tinha que ir angariar o pão para a ceia.

Como ali não tinha dinheiro, indiquei-lhe a minha casa e vi-o afastar a passo rápido.

Que pecado seria o daquele inocente?!

Que culpa expiava aquela criança?!

Enquanto umas crianças brincam vigiadas por criadas, rodeadas de luxo e grandezas, outras passam fome, frio e sofrem tanto infortúnio...

Pobres inocentes!

E com êstes pensamentos estive muito tempo até que o Tejo lambendo-me amigàvelmente as mãos me anunciou que se aproximava a noite.

Levantei-me e dirigi-me para a aldeia onde àquela hora tudo era bulício.

Os ceifeiros voltavam da ceifa cantando alegremente, e as raparigas, eternas sonhadoras dirigiam-se à fonte onde esperavam encontrar os seus conversados...

A poucos passos de minha casa encontrei então o garoto meu conhecido de há pouco, levei-o comigo, dei-lhe de comer e ainda o bastante para alguns dias.

Tão impressionada fiquei, que não pude passar sem contar em casa, a história daquela criança loiro, de olhos tristes, magoados...

Natércia

D. Virgínia de Castro e Almeida

Educação de Crianças

«Todas as mulheres deviam ler a vida de Pestalozzi, todas deviam aprender o seu sistema de educação. Não há lição mais proveitosa e mais profunda para nós, que temos nas nossas mãos as almas das crianças, do que o conhecimento daquela existência consumindo-se toda no ideal da grande remodelação dos velhos processos que se atravessavam no caminho do desenvolvimento intelectual como barreiras tão defíceis e penosas de transpor.

Quantas são, sobretudo no nosso país, as mulheres que sabem a obra do pobre homem de Nenhoff? E no entanto, se a conhecessem, como tantas coisas más seriam melhoradas, e como a sorte dos nossos filhos seria modificada no bom sentido!

E é tão triste ver as mãis desinteressarem-se do desenvolvimento intelectual das crianças! Conservarem-se alheias responderem com distracção à curiosidade da infância que assim desanimam e atrofiam!

Há muitos anos um grande homem disse: «Não se governa a natureza senão obedecendo-lhe».

Não sei se Pestalozzi conhecia estas palavras de Bacon, em todo o caso tinha-as por instinto no fundo do seu coração.

Aproveitar as aptidões das crianças, utilizar a sua curiosidade, o seu insaciável desejo de saber, alimentar o seu espírito com os elementos que é capaz de assimilar e não embrutecê-lo com uma pletosa de conhecimentos abstratos que êle nem pode digerir. Não encolher os ombros, nem rir das preguntas infantis que nos parecem absurdas, desprovidas de inteligência e de raciocínio.

Como é que podemos esperar que os pobres pequenos saibam as coisas que a experiência e o estudo nos ensinaram, quando êles não têm nem essa experiência nem êsse estudo? E quem é mais incoherente: êles que preguntam, porque não sabem nem podem saber, ou nós que encolhemos os ombros e rimos dessa ignorância tão lógica?

A ignorância completa das crianças em todas as coisas, faz com que sejam muito demorados os principios, dos seus conhecimentos. E' preciso ir muito devagar; não avançar mais sem ter bem seguro o primeiro passo dado. As verdades assimiladas actuam no espírito da criança como os elementos nutritivos no seu organismo físico; fortalecem-no, e fortalecendo-o aumentam a sua exigência.

O desejo, a avidez que a criança tem de saber, e que tão mal compreendida, tão desaproveitada pelas mãis, chega por vezes a ser castigada como se fôsse uma culpa, é o meio mais poderoso que a natureza põe ao nosso alcance para desenvolvermos a mentalidade dos nossos filhos. Mas isto preciso de ser bem entendido.

Não se trata de aproveitar a memória prodigiosa das crianças afim de lhes amontoar no cérebro palavras desprovidas, para a sua inteligência, de sentido.»

Mensagem da Paz

No próximo mês de Julho, depois de convenientemente traduzida para esperanto, os estudantes das escolas oficiais de Azaruja, enviarão aos seus colegas do país de Galles, a resposta à Mensagem da Paz.

No dia 18 de Maio, dia da Boa Vontade, o posto emissor de Lisboa C. T. 1. D. H, de que é proprietário o senhor A. Rau, faz o favor de emitir a mensagem da paz em nome de «O Mensageiro Escolar».

Ao ilustre proprietário do posto, que dedica muitas das suas audições às crianças, enviamos os protestos dos nossos maiores agradecimentos, pela gentileza que nos dispensou.

Êstes agradecimentos, estendem-se também ao nosso amigo senhor Jaime Santos, construtor de aparêlhos de T. S. F. que nos pôs em contacto com o pôsto C. T. 1. D. H.

D. António de Freitas
(Azarujinha)

Pela passagem de mais um aniversário natalício, temos a honra de cumprimentar o senhor D. António de Freitas, fazendo muitos votos pelas suas prosperidades.

CONDE DA AZARUJINHA

Em 11 do corrente, passou o seu aniversário natalício, o senhor Conde da Azarujinha, motivo porque lhe apresentamos os nossos cumprimentos, aliados aos votos de muitas prosperidedas.

JOSÉ SANTOS PERES

Há dias, recebêmos de Alcáçovas a dolorosa notícia do falecimento dêste nosso amigo.

Embora a vida nos conduza apenas a êsse destino único e infalível, é certo, que surpreendem sempre e entristecem, tais notícias.

José Santos Peres, bastante novo ainda, pois contava pouco mais de 40 anos, gosava das simpatias gerais dos seus patrícios.

Uns dias antes do falecimento, tinha sido operado em Lisboa pelo Dr. Gentil, com feliz resultado; depois, surgiram umas síncopes, até que se deu o triste e inesperado acontecimento.

Deixa viuva a Sr.ª D. Catarina Murteira Peres, e deixa dois filhinhos de tenra idade.

«O Educador»

«O Educador», brilhante jornal pedagógico que se publica em Lisboa, quis ter a gentileza, de publicar as conclusões da tese que apresentámos no Congresso da «Imprensa Alentejana», chamando-nos, entre outras palavras de homenagem, *um dos espiritos mais brilhantes da nossa classe.*

Profundamente sensibilizados, aqui deixamos os nossos agradecimentos ao ilustre colega, que levou a sua gentileza ao ponto de nos destacar com palavras imerecidas.

SANTOS GARCIA

Estação de cura pelas uvas

—O uso das uvas, como alimento, exerce uma acção notável sôbre a diurese, sôbre os orgãos da nutrição, estômago, figado e intestinos, dando êsse alimento resultado semelhante ao das águas alcalinas, sem os inconvenientes a que o uso continuado dessas águas pode dar lugar, em virtude do empobrecimento do sangue que as mesmas águas originam, pelas substâncias alcalinas, nelas contidas.

São ainda indicadas as uvas aos doentes de afecções gastro-intestinais, nos engorgitamentos crónicos das visceras abdominais, hipertrofia do figado, ictericia, dispepsia, e no catarro crónico dos brônquios, pulmões e bexiga.

Nas disteses cloriticas e anêmicas, tem o uso das uvas ótima aplicação, visto conterem notáveis quantidades de ferro, no estado favorável à sua perfeita assimilação, não fatigando, por essa forma, o estômago.

A SEMANA DA CRIANÇA EM E'VORA

O professorado primário em E'vora, animado pela idea generosa de colhêr fundos para a cantina escolar daquela cidade, realizou há poucos dias, com todo o brilhantismo e com todo o entusiasmo, a *semana da criança*.

O empreendimento, além dos fins filantrópicos em vista, destaca-se também pelo valor educativo e instrutivo. O programa, elaborado com cuidado, foi cumprido de forma a satisfazer os mais exigentes.

Fomos convidados para assistir à sessão solene que deu começo à *semana*, e onde usou da palavra, expondo pensamentos pró-Escola, o sub-Inspector do distrito, senhor João Maria Varregoso. Se não fôsse a circunstânaia de estarmos noutra assembléia animada também de elevantados fins (o Congresso da Imprensa Alentejana) teríamos certamente, comparecido naquela sssão, tão vivamente impressionante.

O professorado primário de E'vora, tornou-se credor da simpatia e da admiração de todas as pessoas, marcando mais um exemplo, do valor social e do esfôrço desta útil classe.

Este jornal, devido à sua índole, não podia deixar de focar o procedimento do professorado de E'vora, que bem merece palavras de elogio.

Luíz de Camões

Em 10 de Junho, passou mais um aniversário da morte do imortal cantor das glórias lusas.

Foi em 10 de Junho de 1580, que faleceu o autor glorioso dos Lusíadas. Há por conseguinte 353 anos, que Portugal perdeu um dos seus maiores génios.

E por triste coincidência, Portugal perdeu por essa época também, a sua independência, facto, que suscitou a seguinte frase do poeta: *morro com a Patria.*

«Camões vale por si só uma literatura inteira, escreveu Schlegel. A frase do notável critico alemão é perfeitamente exacta. Irmão, pelo genio de Homero e de Vergílio, Camões simboliza as aspirações, a glória e o valor do país, que o viu nascer. A literatura portuguêsa gira em volta do seu nome.

Mas há mais: o Renascimento encontrou nele o poeta, que melhor o soube traduzir e cantar em versos imortais. Dá o nome a um povo. Diz-se a pátria de Camões, como se diz a patria de Homero. Dá o nome a uma época. Diz-se—o Renascimento produziu Camões».

O MÊS DA

A gente môça da nossa Terra — da Terra nos
maior sonho de amor!
Junho mês dos cravos rubros, das alcachofr
meras, das moiras encantadas, trazes contigo o
crutadoras do destino e nas noites dos teus sa

Sou tão velho que os meus versos
Já nem são canções d'amor...
São gritos d'alma dispersos,
Saüdades da minha dor...

Dr. Jorge Calado

◆

Nas ruas da minha terra
Há descantes, bailaricos,
Mastros, alecrim da serra,
Cravos rubros e mangericos...

Oliveira Charrua

◆

Tosse nos longes um choupo,
Já sêco, já mirradinho!
Canta-lhe trovas; Morena...
Tem pena do doentinho...

Gomes da Silva

◆

—Enxame que desespera
Num cortiço de desejos—
O teu olhar quem me dera
Poder crestá-lo com beijos.

Dr. Celestino David

◆

Há num cravo de papel
Ilusão, luz e perfume;
E' como um favo de mel
Que mil segredos resume...

Oliveira Charrua

◆

Sou a tristeza cantante
Entre todas a maior,
Com as rimas do Distante
Faço os poemas de amor.

António de Carvalho

◆

Tuas mãos postas ao alto,
Orando junto ao Senhor,
—Ogiva do sobressalto,
Claustro do meu amor!

Silva Tavares

Onde quer que a gente viva
Nunca a saüdade nos deixa...
E' como a água nativa,
Que vai correndo e se queixa.

Dr. Celestino David

◆

Há na curva dos teus lábios
Uma fonte de desejos,
E' a fonte da quimera
Onde morrem os meus beijos...

Oliveira Charrua

◆

Quem me vê estar cantando
Cuidará que estou alegre...
Meu coração 'stá tão negro
Como tinta que se escreve.

(Brasil)

◆

Há descantes, bailaricos,
Gargalhadas pelo monte...
O perfume do mangerico
Incensa a água da fonte...

Oliveira Charrua

◆

Tuas mãos postas, resando
Ante o Cristo de marfim,
São duas pombas voando
Em pensamento até mim.

Silva Tavares

◆

Fugitiva a primavera
Foi um sonho enganador!
Foi radiosa quimera,
Foi mentira o seu amor!

Carlos de Gouveia

◆

Deixa lá voar as pombas
Voam pombas do meu mal,
Não tenhas medo que as pombas
Percam de vista o pombal.

Dr. Jorge Calado

◆

A saüdade é uma doença
Que se não pode curar...
A não ser com a presença
De quem a fez despertar.

Dr. Celestino David

◆

Os cravos da minha rua
Já perderam toda a côr...
Ai, foram saüdades tuas
As causas de tanta dor...

Oliveira Charrua

◆

O sentimento a correr
Nas fontes do coração,
Tem murmúrios de prazer
Tem soluços de aflição.

◆

O papel que escrevi
Tirei das palmas da mão;
A tinta tirei dos olhos,
A pena do coração.

(Brasil)

◆

As meninas dos teus olhos
Cheias da graça de Deus,
Desabotoam-se em lírios
Na sombra vaga dos meus!

M. Gomes da Silva

◆

As pombas do teu olhar
São de penas tão mansinhas,
Que eu não sei se hei-de chorar
Mais as tuas do que as minhas.

Dr. Jorge Calado

◆

No livro dos meus assentos,
Como qualquer lavrador,
Hei-de apontar os momentos
Que me rouba o meu amor.

Dr. Celestino David

S FOGUEIRAS

álgica e linda de Portugal — vive em Junho, o seu

s, dos mangericos, das fontes milagrosas, das qui-
condão de endoidar as raparigas nas sortes pers-
tos populares!

Já se não ouvem cantigas
Nas sombras dos arvoredos,
As bocas das raparigas
Murmuram ternos segredos...

Oliveira Charrua

◆

«Amor com amor se paga»
Porque me odeias não sei...
Se por ser's rica és rainha
Por ser Poeta eu sou rei.

M. Gomes da Silva

◆

O teu olhar, um silvado,
A amoras pretas rescende,
Mas não ferem—Deus louvado!
As silvas com que nos prende.

Dr. Celestino David

◆

Se eu morrer diz às pombinhas
Que eu cantei na desventura,
Que de penas escurinhas
Me forrem a sepultura...

Dr. Jorge Calado

Saüdades não as merece
Todo aquele que as inspira,
Ter saüdades de quem esquece
E' ter crença na mentira!

(popular)

◆

Cantigas, lindas cantigas,
Cantadas por quem souber;
São requintes de alegria
Num coração de mulher.

Santos Luz

◆

Estrêlas eu também tenho
Mais brilhantes que as de Deus,
Pois dentro dalma contenho
Toda a luz dos olhos teus.

(popular)

◆

Fogueira de rosmaninho
—Vá de roda ó raparigas—
San João muito velhinho
Quere ouvir vossas cantigas...

Oliveira Charrua

◆

Ceifeira que andas à calma
A ceifar o loiro trigo,
Ceifa as penas da minha alma,
E leva-as depois contigo.

(popular)

◆

Você diz que amor não dói?
Dói dentro do coração;
Queira bem e viva ausente,
Veja lá se dói, ou não...

(brasileira)

◆

San João, San Joãosinho
Quís uma fonte de prata.
Nosso amor sendo velhinho
De ciumes ainda se mata.

Oliveira Charrua

◆

Dizes que retiro, é certo,
Meus olhos do teu olhar.
E' que o sol, assim tão perto,
Pode-me às vezes cegar...

António Cruz

◆

O amor duma mulher
Tem no olhar o condão,
De muitas vezes dizer
O que sente o coração.

Victor Machado

◆

Assim, à luz do luar,
No silêncio embalador,
Eu quero sentir e amar
O meu poema de amor.

Adão de Figueiredo

Agora mais do que nunca,
Eu sinto bem o que digo;
—Tu vais sonhando com Deus,
Eu vou sonhando contigo.

Adão de Figueiredo

◆

Vá de roda, ó raparigas,
E' tanger os cavaquinhos,
Que as vossas rubras cantigas
Ecoem pelos caminhos!

António Cruz

◆

O amor tem sempre ensêjo
De se abrir em confissão;
Quer num olhar, ou num beijo...
Quer num apêrto de mão.

Victor Machado

◆

Luar de meiga brancura,
Descendo lá de tão alto!...
Não cabe em mim a ventura
Com que te escrevo e exalto.

Adão de Figueiredo

◆

Vá de roda ó raparigas,
A fogueira vai ter fim;
Modelai lindas cantigas
O' gargantas de marfim.

Oliveira Charrua

◆

Olhos negros de veludo,
Seja tarde ou seja cedo,
Quási sempre dizem tudo,
Não sabem guardar segrêdo.

Victor Machado

◆

Tudo o luar me aviventa
E me torna mais feliz...
Sonhos que a alma acalenta,
Coisas que a bôca não diz.

Adão de Figueiredo

NOTICIÁRIO LOCAL

Recital Infantil

No último domigo de Maio realizou-se nas escolas oficiais de Azaruja, um interessante recital infantil, com o fim de ser feita a inauguração duma Biblioteca da «Caixa Escolar».

Esta pequenina festa, foi abrilhantada por um grupo musical formado pelos senhores Joaquim Lopes Coelho, José I. Oliveira, António P. Sofio, Roberto Lopes, Teófilo Salgueiro Bilou sob a habil regência do senhor Domingos Fonte Santa.

Na sala, viam-se todas as crianças das escolas, muitos sócios da Caixa Escolar, e muitas familias de alunos.

A mesa foi constituída pelos senhores João V. de Oliveira Charrua, Félix de Carvalho Marquez, Inácio Ferrão Tique, Raul Rosa Girbal, e José Modas Calhau.

Pelo director dêste jornal, foram feitas largas considerações sôbre a função social, e a utilidade das constituïções de beneficência. Seguiu-se no uso da palavra o sr. Félix Marquez, que pôs em destaque a acção escolar desenvolvida ultimamente em Azaruja.

Depois, varias alunas e alunos, recitaram poesias e leram contos morais.

No final, foram distribuídas 20 senhas, a alunos mais necessitados, dando-lhes direito á aquisição de peças de vestuario; também foram distribuídos rebuçados e bolos a todos os alunos.

A meio da sessão, foi oferecida à assistência uma linda *plaquette* editada pejo jornal, contendo dois sonetos que foram prévia-mente lidos pelo prof. Oliveira Charrua. Em troca da *plaquette*, o sr. Pepe da Cruz Duque e a senhora D. Inácia Martins, tiveram a gentileza de oferecer donativos à Caixa Escolar.

Vem a propósito salientar também, a circunstância da edição dos sonetos ter sido feita gentilmente, pela Casa tipográfica onde o nosso jornal é composto e impresso. A' EMPRESA DE PUBLICIDADE DO MARCO L.da, somos nós devedores de muitas atenções, e estamos certos, de que nenhuma casa a pode exceder na justiça dos seus orçamentos. Sem intuitos de reclamo, que aliás eram justissimos, aqui ficam estas palavras testemunhando o nosso agradecimento.

Êste jornal, que nós criámos com o fim de propagar a instrução e a educação e desenvolver o amor para com a Escola, destina a sua receita líquida à Caixa Escolar, todavia esta circunstância não traz nenhuma responsabilidade à «Caixa»; só nós, individualmente, somos responsáveis pela sua conduta moral e material. E estamos certos, que, quer sob um, quer sob outro ponto de vista, nunca teremos de nos envergonhar.

* * *

Os senhores Dromagem Rosa Girbal, José Ezequiel Correia e Francisco Camões Banha, formaram a Comissão que escolheu os alunos que foram presenteados com senhas.

* * *

O senhor Raul R. Girbal, teve a amabilidade de oferecer uma das qualidades do vinho que foi oferecido ao grupo musical.

—✦—

Gralhas

As gralhas, são o pesadêlo de quem escreve!

Ora deturpam uma palavra, ora deturpam uma frase ou um pensamento.

O principiante, sente coragem para repôr tudo nos seus lugares, e desfazer todas as gralhas que lhe ofereçam mas, com a continuação do ofício, acaba por ser menos exigente. Deixa então as gralhas à apreciação do leitor.

Nós, que não somos mestres, mas também não somos principiantes, já estamos nesta última fase. Entretanto, não deixaremos de desfazer uma daquelas gralhas que salpicaram o jornal de Maio.

Na dedicatória do artigo *História Veridica*, aparece trocada a flexão do verbo ocupar: em vez do tempo presente *ocupa*, apareceu-nos *ocupou*.

Ora, para que não surjam dúvidas de qualquer espécie, aqui fica o esclerecimento.

E o nosso amigo senhor Inácio Ferrão Tique, a quem, abraçamos hoje como desejamos abraçar daqui a muitos anos, que nos desculpe o precalço.

—✦—

Paço da Quinta

No pretérito dia 11, passou o seu aniversário natalício, a Senhora Dona Leonor Fernandes de Barahona, residente no Paço da Quinta, encantadora vivenda que tem merecido as melhores e as maiores palavras de admiração.

«O Mensageiro Escolar» cumprimenta S. Ex.ª e presta homenagem às suas invulgares qualidades de inteligência, ilustração e bondade.

—✦—

Doentes

No número de Maio, a-pesar-das suas 24 páginas, ficaram de fora várias notícias; entre elas, destacaremos a que se referia à doença da senhora D. Conceição Fróis Oliveira, esposa do nosso amável assinante e anunciante, senhor Arménio R. Oliveira, comerciante.

Esta senhora, tem tido uma saúde precária vai para dois meses, apresentando-se-lhe a necessidade duma intervenção cirúrgica.

Fazemos votos para que tudo corra o melhor possivel e para que recupere ràpidamente a saude.

—✦—

Azarujinha

No interessante palacete da Azarujinha, esteve ultimamente o senhor conde da Azarujinha e seu irmão D. Antonio de Freitas. S. Ex.as faziam-se acompanhar de suas Esposas e de algumas pessoas amigas, entre as quais se destacava a distinta amazona mademoiselle Maria Luíza A. Moreira.

Esta Senhora mostrou possuír bastante sangue frio e qualidades de equitadora, numa tarde em que o cavalo se lançou numa carreira doida, desobedecendo ao freio. Com o fim de evitar desastre de maior vulto, atirou-se ao chão, fazendo em conseqüência da queda umas escoriações nos braços.

Fazemos votos pelo restabelecimento de mademoiselle Maria Luiza, nossa distinta assinante.

—✦—

Pepe da Cruz Duque

Em Maio, passou o seu aniversário natalicio o nosso amigo, sr. Pepe da Cruz Duque.

Por falta de informação, o facto não constou no nosso noticiário, no respectivo mês; entretanto, seguindo o ditado bem verdadeiro que diz que *vale mais tarde do que nunca*, aqui estamos agora, transmitindo-lhe os nossos cumprimentos.

O senhor Pepe da Cruz Duque, porque é nosso amigo e amigo dêste jornal, porque é uma pessoa bondosa, dispondo dum critério justo, merece esta atenção,

—✦—

Fábricas de Cortiça

Continuam em grandes obras as fábricas de cortiça dos nossos amigos senhores Silvestre Silva e Pérsio Correia.

A Rua Conde de Azarujinha, vai ficar com aspecto enriquecido, depois da conclusão das obras iniciadas pelo senhor Pérsio Correia.

—✦—

E'cos

Dizem:

Qeu o nosso amigo X. apanhou um grande *embaço*.

—Que duma surpreza assim ninguém se livra.

—Que há marés cheias e marés vazias.

—Que há festas que dão tristeza.

—Que depois da tempestade vem a bonança.

—Que ninguém tem culpa de ser bonito.

—Que o sr. Z esteve para pôr escritos.

—Que o que tem de ser tem muita fôrça.

—Que o nosso amigo F. M. fez um curso prático de espanhol.

—Que o nosso amável assinante (e também amigo) S. M. gosta muito da cerveja espanhola.

—Que ficou prêso por certos olhos audaluzes.

—Que dançou um tango com muita mestria.

—Que a água-pé do nosso amigo E. S. é obra efamada.

—Que num concurso ganharia o primeiro prémio.

—Que êle não faz segredo da fabricação.

—Mas que não diz como se dá a pancadinha de relojoeiro...

—✦—

Aniversários

2—Menina Antónia Silveira Ferrão.
5—Menina Rita Rosa Girbal e D. Angélica Ferrão.
8—D. Maria Júlia Ferreira Pimenta.
13 Sr. José Pais.
16—Sr. Carlos Regis Antunes de Aguiar Otêda (E'vora).
17—Srs. Arménio Oliveira e Joaquim Santanista.
18—D. Sofia Pires Silveira (E'vora).
23—D. Maria Conceição Varela, e D. Inocência Zambujo Costa.
24—Sr. Joaquim Prates.
26—D. Carolina de Jesus Pereira (Cova-da-Piedade) e D. Joaquina Prates.

—✦—

Falecimento

Em 14 do corrente, ocorreu o falecimento da sr.ª D. Joaquina Ferreira Vasques: esta senhora, que contava 90 anos, era mãi da sr.ª D. Francisca F. Vasques e dos nossos amigos e assinantes srs. Joaquim Ferreira Vasques.

A todas as pessoas enlutadas, apresentamos os nossos pêsames.

Pérsio Correia

FABRICANTE DE CORTIÇA

QUADROS E ROLHAS

Marcas Registadas:

M. C. & F. e P. C.

Azaruja — Alentejo

Portugal

Apontamentos Etimológicos

Coleção de palavras portuguêsas que têm origem arábica

(CONTINUAÇÃO)

ALIZARES *(Alîzar)*. Termo usado em carpintaria; deriva do verbo *azara* que significa na 2.ª conjugação, cobrir-se com técnica.

ALMADA *(Almadán)*. Vila fronteira a Lisboa. Há dúvidas acêrca da etimologia desta palavra.

ALMAGRE *(Almogra)*. Terra vermelha.

ALMANAQUE *(Almaná)*. Calendário. Deriva do verbo *maná*, que significa *contar*, calcular, numerar.

ALMANJARRA *(Amojarra)*. O pau da nora por onde puxa o animal; deriva do verbo surdo *jarra* que quer dizer *arrastar puxar*.

ALMARGEM *(Almarge)*. Com êste nome, há uma povoação na Beira Baixa, outra no Algarve e três na Estremadura. Deriva esta palavra do verbo *marraja* que significa cortar erva para o gado.

ALMARJAM *(Amarjam)*. Nome duma aldeia do Algarve. Deriva do verbo *rajama* que significa apedrejar alguém, lugar de muitas pedras.

ALMATRIXA *(Almatraxa)*. Nome dado às mantas com que se cobre o gado de sela: Deriva do verbo *taraxa* que significa salpicar.

ARMAZEM *(Armachzem)*. Casa onde guarda qualquer espécie de objectos. Deriva do verbo *chazana*, que significa *guardar, entesourar*.

ALMEIDA *(Almeida)*. Praça de armas na Beira-Baixa. Significa mesa.

ALMISEAR *(Almoseo)*. Composição odorífera.

ALMOCADEM *(Almocaddem)*. Ofício que existia nos antigos exércitos. Deriva do verbo *cadema* que significa *chegar, encaminhar, guiar*.

Augusto do Nascimento

Fábrica de cortiça, de aparos e cortiça virgem

Aparas de cortiça prensadas hidranlicamente

Quinta dos Padres— Poço do Bispo

LISBOA

DITOS SENTENCIOSOS

A lembrança de uma acção virtuosa é um perfume delicioso no caminho da vida.

——

Os acontecimentos previstos pelos bons espíritos raras vezes deixam de se realizar; mas a fortuna guarda dois segredos: a época e os meios.

——

Quem de boa fé admira o merecimento alheio não pode deixar de ter algum.

——

A adversidade é o cadinho em que a virtude se apura, e a pedra de toque em que a amizade se prova.

——

Há mais fôrça em sofrer com paciência as adversidades, que em procurar pôr-lhes termo com a morte.

——

O termo da ambição é como o horizonte: recúa à medida que se avança.

——

Devemos arrepender-nos não só do mal que temos feito, mas do bem que temos deixado de fazer.

——

A beneficência não envelhece nunca: fortifica-se com o hábito, e cresce com a idade.

——

Sêde beneficentes ainda a risco de fazer ingratos; a verdadeira beneficência dispensa a gratidão.

O DESTINO DE UMA ANDORINHA

(Conto Sueco por Xavier Marmier)

Ora aí está! Já se foram as andorinhas! disse-me a priminha em certa manhã de outono.

E a gentil criança atentava tristemente no abandonado ninho à beira do telhado.

E' verdade, foram-se as andorinhas, para só voltarem na primavera; e confesso que sinto um certo pezar ao vê-las partir.

Em primeiro lugar, é êste o anúncio do fim do verão, e depois deixarei de ouvir na minha água-furtada o alegre chilrear que me tornava sonhador.

Porque devo dizer-lhes que um casal de andorinhas, veio construir o seu ninho junto da janela do meu acanhado quarto, e ali cantarolou durante a formosa estação.

Travei conhecimento com os engraçados passarinhos e chegámos a ser bem bons amigos. Vinham poisar confiadamente no peitoril da minha janela. Contavam-me as suas apoquentações domésticas e os casos que lhes haviam sucedido lá pelas regiões calmosas. Diziam-me quantos pequerruchos tinham em casa. Em suma: eu estava ao facto de todo o seu viver, tal qual ia deslizando entre o céu e a terra. Assim foi que aprendi várias histórias de andorinhas, e, como a priminha, tôda a gente se entristece por se terem ido as suas queridas visinhas, ponho-me a contar-lhe um caso pelo qual se vê que também as aves têm seus pezares de amor. No telhado de um grande palácio antigo, junto de uma goteira rematada por um dragão, erguia-se um ninho construído habil e sòlidamente. Morava ali uma família de andorinhas: pai, mãi e duas filhas—de génios tão diferentes que nem irmãs pareciam. A mais velha, soberba presunçosa tinha um profundo desprêso pelos pardais, que são os vadios e os gatunos do mundo das aves; a mais nova era o contrário mesureira e galantinha, era estimada em tôda a sociedade volátil. Tinha sempre um dito amável até para as aves mais taciturnas, mais tristonhas. Chegou a captivar o próprio gato do moleiro. Quando a formosa andorinha passava rente de êle, o bichano fechava os olhos para não ceder a uma cruel tentação. Todavia, os pais repreendiam-na por ser tão cortez. Apregoavam-se descendentes de uma raça antiga, que, de geração em geração, e havir séculos, habitava sob abóbadas de um palácio egípcio e então não compreendiam que sua filha descesse a ponto de se dar com indivíduos de baixa condição, como, por exemplo, os tentilhões, os cochixos e os pardais.—Não é conveniente, dizia o pai, que uma pessoa como tu se dê tanto com a plebe. Deves saber conservar a tua posição. Mas, respondia a bondosa pequenina, tôdas as aves se parecem umas com as outras. Tôdas têm bicos e azas. Isso é verdade, redarquiu gravemente o pai.

Mas nem a tôdos é dado alimentar-se de mosquitos assados e habitarem os elevados e grandes edifícios. Olha lá tu o pintassilgo, por exemplo. Assim que tal ouviu, a andorinha baixou a cabeça, e, se não fossem as suas escuras penas, vêr-se-ia que tinha corado como qualquer menina repreendida por ter seu namorico.

A gentil andorinha amava um formoso pintassilgo, que ternamente lhe correspondia. As andorinhas são por natureza sonhadoras. Os pintassilgos têm um viver poético. Haverá coisa mais natural do que a união das duas avesinhas? Assim havia de suceder fatalmente. O pintassilgo não tinha casa, morava ao ar livre e levava todo o santo dia a cantar. As suas melodias eram vivas e alegres, puras como a brisa da primavara, risonhas como o sol depois da chuva. Pela sua música aérea não pedia dinheiro nem exigia cenário. Cantava para o lavrador afadigado no cultivo da terra com o suor do seu rosto, para a mísera dona de casa que lava a própria roupa no regato, para o poeta que vagueia pelos bosques cismador.

E todos compreendiam os seus cantares, e compreendia-os também a sua querida andorinha, quando ambos se erguiam para as nuvens pardacentes. Um belo dia tirou se dos seus cuidados e resolveu-se a ir cumprimentar os pais da sua querida e fazer o seu pedido de casamento.

Não era sem um certo receio que êle ia dar aquele passo decisivo. Mas o amor dava-lhe ânimo. Preparou-se muito bem preparado, e pôs-se a cantar no meio do trevo oloroso, porque ainda não se atrevia a levantar o vôo. Não ousava remontar-se às franças das grandes árvores seculares, até à nobre família que tão elevada posição tinha no mundo, que morava debaixo das telhas d'um castelo senhorial.

(Continua)

Inácio Ferrão Tique

Correspondente de diversos Bancos e casas Bancárias
—AZARUJA—

NOVA ALFAIATARIA

ANTONIO MARIA CURVO
=EVORA=

Participa aos seus Ex.mos Clientes que acaba de receber um lindo sortido de inverno.
Fatos desde 180$00.
Calças de Fantasia desde 55$00.
—Corte esmerado—Bom acabamento—

Alto!!!

No estabelecimento de

Viriato José Zambujo

(AZARUJA)

Encontrareis as melhores qualidades de artigos de mercearia, vinho, vinagre, salsicharia, pão, tabaco da Tabaqueira e da Companhia, tudo por baixos preços.

CENTRO COMERCIAL AZARUJENSE
DE— Armenio R. Oliveira

Mercearia, Louças e Vidros—Azeites, Ceriais e Legumes, PADARIA E SALCHICHARIA— AZARUJA

CASAMENTOS

A mais bonita coleção de objectos em prata, proprios para presentes de casamentos.
OURIVESARIA SIMÕES
EVORA
(defronte da Sociedade de Mobilias)

Ferreira Filipe, L.da

Fabricantes de Cortiça e Rolhas
Quadros e aparas

—= QUINTA DA MACEDA =—
BARREIRO

COOPERATIVA OPERÁRIA DE CONSUMO AZARUJENSE

Fundada em 22 de Outubro de 1911

Com padaria, salchicharia, fazendas, azeites, miudezas, ceriais, louças e vidros etc. etc.
=AZARUJA=

Emilio & Canelas

Fabricantes de Cortiças quadros e rolhas e cortiças em prancha
ALENTEJO=AZARUJA
PORTUGAL

ANTIGA CASA BARATEIRO
—DE—
Antonio França Godinho
82 Rua João de Deus 84—E'VORA

Retrozeiro—Modas—Fanqueiro—Confecções.
Depósito de malas em todas as qualidades para roupa e viagem e outros artigos de novidade.

Pepe da Cruz Duque

Fabricante de Cortiça e Quadros
AZARUJA = = PORTUGAL

Raul Rosa Girbal

Fabricante de Cortiça e Quadros
Azaruja = = = = Portugal

R. R. G.

MARCA REGISTADA

—VAGO—

A Pátria

Sociedade Alentejana de Seguros---Seguradora da Associação Central de Agricultura

Capital 500.000$00

Reservas em 1932
Esc. 3.309.830$64

Efectua seguros nos ramos de:

Agricola—Agricola Mixto—Incendio—Maritimo—Cristal—Postal—Furto e Roubo—Automovel—Responsabilidade Civil—Acidentes Individuais—Desastres no Trabalho e Vida
Agencias em todo o Paiz

Delegações em: Lisboa—Rua Augusta 188-1.º; Porto—Avenida dos Aliados 81-1.º; Elvas—Sindicato Agricola; Faro—Avenida da Republica 134; Coimbra—Praça 8 de Maio 21; Covilhã—Rua Antonio Augusto de Aguiar 201
Sede em Evora

Na sua propriedade—
Rua Miguel Bombarda-40

Agente na Azaruja
Felix de Carvalho Marquez